

# QUANTIFICAÇÃO E ANÁLISE PRELIMINAR DOS ACADÊMICOS E DO CURSO DE GEOGRAFIA - UEM - 1995

Olga Barczyszczyn\*, Fernando Luiz de Paula Santil\* e Angela Maria Edlich<sup>#</sup>

**RESUMO.** O curso de geografia tem duas habilitações: a licenciatura e o bacharelado, porém ambas têm problemas. Quanto a primeira há uma desvalorização, comum às demais licenciaturas, e no caso do bacharelado, existem dificuldades principalmente em adaptar o recém-formado ao campo de trabalho. O perfil do acadêmico revela este meio complexo de busca da formação e identidade profissional. Dentro dessa perspectiva, pretende-se analisar quantitativamente questões pertinentes, abrir discussão e apontar alternativas que venham contribuir para a qualidade do ensino.

**Palavras-chave:** ensino, quantificação e formação profissional.

**ABSTRACT.** The geography course has two qualifications: degree and academic degree, however its has many problems. Whatever the first has depreciation, commonness each other degrees, and in case of the academic degree has problems to adapt the new graduated in the work market. The academician profile is characterized according to the formation and professional identity. In this article, the aims are the discussion with the geography community on the graduated formation and as well to stir up questions about to leave the quality of teaching.

**Keywords:** teaching, quantification and professional formation.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho iniciou-se com uma série de discussões informais, que brotam da preocupação com a formação do geógrafo e com a qualidade do ensino superior, como forma de melhorar o ensino médio. Assim, tem-se como objetivo fazer uma análise quantitativa de problemas observados no curso de geografia da Universidade Estadual de Maringá.

Segundo Gerardi & Silva (1981), a técnica quantitativa possibilita maior objetividade e precisão na análise, evitando descrições superficiais e possibilitando uma discussão mais crítica. As técnicas qualitativas requerem maior dispêndio de tempo e recursos e podem

apresentar resultados diferentes, permitindo variadas interpretações.

A interpretação de dados referentes ao acadêmico de geografia permite não só conhecer um pouco da sua realidade, mas compreender questões como: a) situação sócio-econômica x vida escolar; b) visão do acadêmico ingressante no curso x realidade do curso.

Estas e outras questões levantadas poderão dar uma idéia da relação entre as dificuldades enfrentadas pela ciência geográfica e o momento vivido pelos acadêmicos.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Serviu de base para o presente estudo o corpo discente do curso de graduação em

\* Acadêmica do curso de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, Câmpus Universitário, 87020-900, Maringá-Paraná, Brasil.

\* Docente do Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, Câmpus Universitário, 87020-900, Maringá-Paraná, Brasil.

<sup>#</sup> Pós-Graduanda - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente-São Paulo, Brasil.

geografia, dos períodos diurno e noturno, da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Aplicou-se um questionário contendo 24 (vinte e quatro) questões subdivididas em : a) perfil do acadêmico e b) situação do curso de geografia. Optou-se por este critério, por existir questionário anterior; de 1994, da disciplina de Quantificação em Geografia, no qual este foi adaptado. Após a definição do mesmo foram selecionadas as técnicas de amostragem e o tamanho da amostra.

Utilizou-se a técnica de amostragem sistemática com intervalo de 2 em 2, valendo-se da tabela de números aleatórios, para evitar na amostra a predominância de determinado ano,

conforme sugestão de Ferreira & Simões (1987), o que poderia descaracterizar os dois itens propostos; e, de acordo com Gerardi & Silva (1981), determinou-se o tamanho da amostra.

Valendo-se das proposições de Le Sann (1991) e Bertin (1986), após tabulação dos dados, seguiu-se a construção, análise e interpretação dos diagramas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil do acadêmico de geografia está retratado nas Tabelas 1, 2 e 3, nas quais estão representados os dados pessoais, a formação escolar e a atividade profissional, respectivamente.

**Tabela 1.** Faixa etária, sexo, estado civil e moradia dos acadêmicos de Geografia - expresso em (%).

Idade				Sexo		Estado civil			Como mora		
18-20	21-23	24-26	27-mais	Masc	Fem	Solteiro	Casado	Outros	Família	República	Outros
16	38	26	20	39	61	74	23	3	89	6	5

**Tabela 2.** Formação escolar dos acadêmicos de Geografia expresso em (%).

Idade ao concluir 1º grau				Instituição de ensino		Idade ao concluir 2º grau			Instituição de ensino	
13-14	15-16	17-18	19-25	Pública	Particular	16-17	18-19	20-mais	Pública	Particular
40	46	9	5	88	12	26	48	26	80	20

**Tabela 3.** Atividade profissional dos acadêmicos de Geografia expresso em valores absolutos.

Não trabalha	Trabalha													
	88													
	Atividade ligada a					Tempo de serviço diário (h)				Faixa salarial (salário mínimo)				
	G*	C*	I*	M*	O*	até 4	6	8	+ de 8	até 1,5	2	3	5	+ de 5
26	5	33	6	25	19	18	10	40	20	12	27	26	14	9

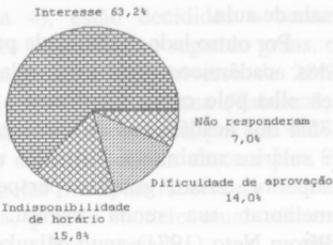
G\* = Geografia, C\* = Comércio, I\* = Indústria M\* = Magistério, O\* = Outros

Fonte: pesquisa de campo

Org.: Olga Barczyszyn

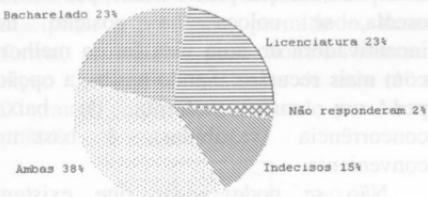
Os Diagramas 1, 2 e 3, 4 e 5 traduzem, respectivamente, a escolha pelo curso; das opções de habilitação, a perspectiva de atuação e realização profissional.

Diagr. 1 - Opção pelo curso de Geografia

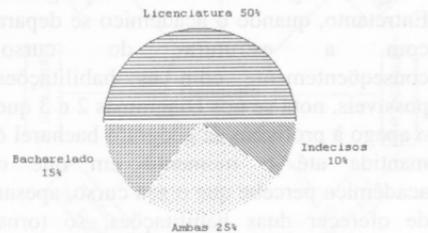


Fonte: pesquisa de campo      Org.: Olga Barcyszczyn

Diagr. 2 - Habilitações pretendidas pelos acadêmicos do 1º e 2º anos



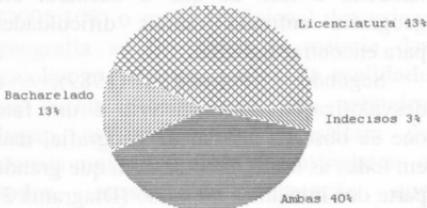
Primeiro ano



Segundo ano

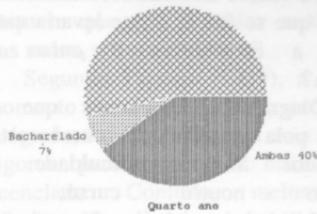
Fonte: pesquisa de campo      Org.: Olga Barcyszczyn

Diagr. 3 - Habilitações pretendidas pelos acadêmicos do 3º e 4º anos



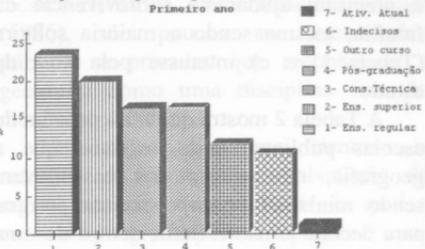
Terceiro ano

Licenciatura 53%



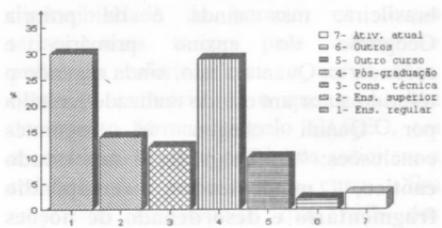
Fonte: pesquisa de campo      Org.: Olga Barcyszczyn

Diagr. 4 - Perspectiva profissional Primeiro ano



Fonte: pesquisa de campo      Org.: Olga Barcyszczyn

Diagr. 5 - Perspectiva profissional Demais séries



Fonte: pesquisa de campo      Org.: Olga Barcyszczyn

De acordo com a pesquisa realizada, antes de se matricularem no curso de geografia, 72 alunos, ou seja, 63% prestaram vestibular para outro curso. Constatou-se, também através do questionário, que 53% dos entrevistados demoraram mais de 2 anos para ingressar na universidade, sendo que somente 30% fizeram cursinho e desses a grande maioria o frequentou em apenas 6 meses. Isto significa que, durante aproximadamente 2

anos, esta população pensou em parar de estudar ou tentou um outro curso. Mas a pergunta que se faz é: o que levaria estas pessoas a escolherem o curso de geografia?

O Diagrama 1 esclarece que os motivos pela escolha do curso estão relacionados à: a) dificuldade de aprovação noutro curso; b) indisponibilidade para dedicação exclusiva aos estudos, pois, de acordo com a Tabela 3, 72% trabalham cerca de 8 horas por dia e precisam ajudar na sobrevivência da família, mesmo sendo a maioria solteira (Tabela 1) e c) interesse pela área de estudo.

A Tabela 2 mostra que 80% provém de escolas públicas, onde se sabe que a geografia, na maioria dos casos, vem sendo ministrada com conceitos prontos para decorar e não refletir, dentro de uma perspectiva pedagógica tradicional. Entretanto, Alegre (1984:13) ressalta que este fato não se restringe à escola brasileira, mas ainda é da própria Geografia do ensino primário e secundário. Quanto a isto, ainda segundo o referido autor um estudo realizado na Itália por Quaini chegou às seguintes conclusões: **“A Geografia é um estudo caótico, memorizador, compêndio fragmentário e desordenado de noções tiradas de outras disciplinas; metodologias que nada têm a ver com os rigores do método científico; um almanaque que, enciclopédico, é ensino totalmente inútil”**. Ressalta-se que esta é a geografia tradicional ainda muito presente nas escolas, mas enquanto ciência está em constante desenvolvimento.

Segundo Tomita *et al.* (1996), a utilização dos recursos audiovisuais seria indispensável para o ensino de geografia, não obstante a evolução tecnológica e aplicação desses recursos ultrapassaram a

formação da maioria dos professores em sala de aula.

Por outro lado, a realidade profissional dos acadêmicos pode estar relacionada à escolha pelo curso. Conforme a Tabela 3, 75% dos acadêmicos do curso ganham até 3 salários mínimos e formados num curso superior teriam grandes perspectivas de melhorar sua renda mensal. Segundo Pfrom Neto (1971) apud Mizukoski *et al.* (1989), a escola tem grande influência sobre o aluno na perspectiva de um emprego melhor, sendo o caminho para obter uma atuação profissional e, por isso, a escola se coloca na posição de incentivadora de uma vida futura melhor, com mais recursos. Sendo assim, a opção por um curso noturno, de baixa concorrência (vestibular), é bastante conveniente.

Não se pode negar que existem aqueles que optam pelo curso por vocação, e alguns chegam até bastante empolgados. Entretanto, quando o acadêmico se depara com a estrutura do curso, conseqüentemente com as habilitações possíveis, nota-se nos Diagramas 2 e 3 que o apego à profissão de geógrafo bacharel é mantida até o momento em que o acadêmico percebe que o seu curso, apesar de oferecer duas habilitações, só torna possível e concreta a licenciatura, pois o mesmo não dispõe de aulas de laboratório e tão pouco de estágio em instituições públicas ou privadas que complementariam sua formação e, pesa também, o fato de que o bacharel em geografia enfrenta muitas dificuldades para encontrar trabalho.

Segundo Petrone (1989), a desvalorização do magistério é um fato que se observa não só na geografia, mas em todas as áreas, isto faz com que grande parte dos iniciantes no curso (Diagrama 2) prefiram o bacharelado.

Apenas 23% dos acadêmicos (Diagrama 4), estão decididos a serem professores de primeiro e segundo graus, o que corresponde a um universo de 28% dos que já trabalham na área (Tabela 3). Esta situação é corroborada, por um lado, pela falta de uma política austera para o ensino e pelas múltiplas facetas da ciência geográfica, pois o modelo atual oferece conteúdos fragmentados e não interrelacionados (Figura 1), o que segundo Fonseca (1985), Guidugli (1986) e Vesentini (1995), a torna descaracterizada e desvalorizada enquanto disciplina e profissão, permitindo, dessa forma, a outros profissionais atuarem como “geógrafos” nas salas de aula (1º e 2º graus), conforme constatado por Moro (1984).

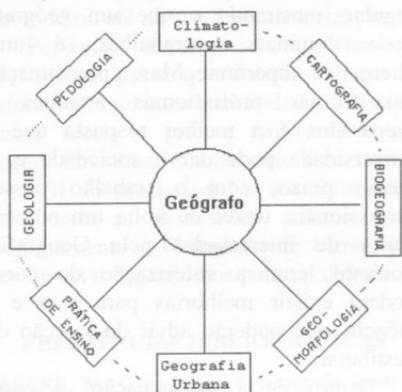


Fig. 1 - Modelo atual

Por outro lado, segundo Rufino (1995:108) o modo tradicional de ensinar geografia se faz valer na maioria das escolas, por algumas razões: **“a realidade na escola mostra que, em primeiro lugar, os professores necessitam de cursos mais dinâmicos que atingissem a todos, cursos de formação que articulassem o conteúdo específico com a discussão pedagógica e, segundo lugar,**

**eram necessárias mudanças nos materiais utilizados, principalmente naquele que era o maior sustentáculo das aulas, o livro didático”.**

Segundo Petrone (1989), a partir do momento em que se criou a profissão de geógrafo, é natural que haja uma tendência vigorosa para ser geógrafo bacharel e não licenciado. Contudo, melhorando e valorizando a carreira do magistério e do bacharel, poderia se ter resultados mais significativos quanto a sua valorização técnico-científica. Como ressalta Guidugli (1986), são poucas as organizações públicas e privadas que reconhecem a geografia como uma disciplina fora do mundo acadêmico.

Um outro agravante dentro da estrutura do curso é a implantação do regime seriado anual, a partir da qual o curso de geografia passou a propor 5 anos para uma habilitação e 7 para as duas. Pensou-se que, com uma melhor distribuição das disciplinas e maior disponibilidade de horário, os alunos teriam mais tempo para estudar e pudessem valorizar mais o curso. Mas, ocorre o contrário. É o que prova um documento formulado pelo CAGEO, em assembléia, no qual os alunos solicitam a redução do período do curso. Em entrevista, constatou-se que 85% dos acadêmicos não estudam nos intervalos vagos durante a semana.

Em resumo, na conjuntura atual tem-se em termos de perspectiva profissional, de acordo com Diagrama 4, três vertentes principais: ensino nos 1º, 2º e 3º graus; a pós-graduação e a consultoria técnica. O Diagrama 5 mostra que à medida que se conhece o curso, o acadêmico se desilude com a consultoria técnica, ou sente-se despreparado para enfrentar o mercado competitivo e prefere optar pelo ensino regular ou investir em pós-graduação. A

verdade é que, ao terminar o curso, o recém-graduado sabe que adquiriu muitos conhecimentos teóricos sobre a ciência geográfica, mas não sabe ao certo no que esta bagagem poderá ajudá-lo na vida profissional. Titarelli (1983) coloca que são evidentes as dificuldades dos recém-formados nos ajustamentos à realidade que se encontram nas escolas e empresas, exigindo penosos esforços para a superação de deficiências profissionais. Para ele a solução estaria na unicidade da ciência geográfica e na presença de um tronco comum para a licenciatura e bacharelado, mesmo que hajam divergências profissionais. Tal atitude é corroborada por Diniz (1983).

O fato de seus pesquisadores terem amplas opções para estudo pode vir em auxílio da ciência, à medida que tragam na sua formação uma consciência geográfica una. Para tanto é necessária a correlação de conteúdos durante o curso, conforme Figura 2.



Fig. 2 - Modelo proposto

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema detectado entre os acadêmicos de geografia da UEM reflete um quadro apresentado pela ciência geográfica atual; não é uma especificidade do curso em Maringá.

No tocante à estrutura do curso, existem dois aspectos especialmente analisados: a) *o tempo de duração do curso*: pode e precisa ser reduzido, sem prejuízos relativos a conteúdos, sendo necessária, porém, a utilização dos horários vagos disponíveis; b) *a questão*

*das habilitações*: há uma série de aspectos relevantes, contudo a formação do bacharel precisa ser reavaliada, tendo em vista a proposta da lei que regulariza a profissão do geógrafo. Pergunta-se: será que os estudantes estarão aptos para o trabalho, mesmo obtendo conteúdos fragmentados, com pouca aplicação prática e sem a oportunidade de estagiar? Pois o estágio oferece uma oportunidade de "aprender a trabalhar", perfazendo uma ligação indispensável que a instituição (docentes/acadêmicos) precisa ter com o mercado de trabalho, para que as empresas conheçam o profissional e tenham a possibilidade de contratá-lo. Em consequência a valorização profissional poderia crescer.

A divulgação do curso no ensino regular, mostrando o que um geógrafo pode dominar e trabalhar, é uma alternativa importante. Mas, a preocupação em formar profissionais atuantes e preparados é a melhor resposta que a universidade pode dar à sociedade e, a médio prazo, com o trabalho desses profissionais, trazer de volta um número maior de interessados pela Geografia. Portanto, com a valorização do curso poderá existir melhorias para este e a ciência, que poderão advir da seleção do vestibular.

Dentro desta preocupação, a curto prazo, com os acadêmicos atuais, propõe-se: a) implantar maior carga horária de atividades extra-classe e oferecer boas oportunidades de cumprí-las; b) oferecer maior número de aulas práticas em laboratório/campo, não somente para transmitir conceitos prontos, mas aplicar idéias que estes produzam; c) informar o acadêmico ingressante das possibilidades e responsabilidades que têm no curso, através de um caderno que poderia denominar-se "Manual do Calouro de

Geografia”; **d**) Oferecer cursos extra-curriculares e outras formas de socializar os acadêmicos com profissionais atuantes e a prática da ciência; **e**) estimular a pesquisa através de alternativas no modo de avaliação, projetos e estágios ou através da implantação de programas como o PET (Programa Especial de Treinamento), porém isso só é possível se o docente atuar em sua área específica.

Além dessas, existe uma infinidade de atitudes que o Departamento de Geografia, Colegiado de curso juntos com o Centro Acadêmico poderiam tomar. O mais importante, no entanto, é ter a consciência de que se formam, hoje, os profissionais que servirão de exemplo ou formarão as gerações futuras, podendo com isso resultar em progresso para ciência como um todo ou até na sua descaracterização.

Portanto, deveria se ter claro o profissional que se quer formar - no que se refere à licenciatura/bacharelado- e, assim, reunir teoria e prática em torno dessa opção. Em suma, é necessário caracterizar o perfil do profissional a ser formado e para isso as discussões passam pelo Departamento e Colegiado de Curso que devem estar organizados para tal objetivo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEGRE, M. O professor de geografia frente à realidade brasileira. In: **Memória do I encontro regional de professores de geografia do Estado do Paraná - Norte/Noroeste**, Maringá, 1984. Maringá, p. 05-15.
- BERTIN, J. A neográfica e o tratamento gráfico da informação. Curitiba: UFPR, 1986. 273p.
- FERREIRA, C.C.; SIMÕES, N.N. **Tratamento estatístico e gráfico em Geografia**. Lisboa: Gradina, 1987. 151p.
- DINIZ, J.W. O problema da formação do geógrafo e do professor de geografia. In: **Simpósio “Teoria e ensino de geografia”**, Belo Horizonte, 1983. Belo Horizonte, p. 161-174.
- GERARDI, L.H.O.; SILVA, B.C. N. **Quantificação em geografia**. São Paulo: Difel, 1981. 161p.
- GUIDUGLI, O.S. Universidade, geografia e formação de geógrafos. In: **Simpósio “Teoria e ensino de geografia”**, Belo Horizonte, 1983. Belo Horizonte, p. 193-207.
- LE SANN, J.G. Os gráficos básicos no ensino do curso de geografia. **Revista Geografia e ensino**. Belo Horizonte, 3, 11/12, p. 42-57. 1991.
- MIZUKOSKI, M.; CAMARGO, M.L.F.; SANTIL, F.L.P. **O adolescente e a escola**. Trabalho de graduação na disciplina de psicologia da educação. Unesp. Presidente Prudente, 1989. 49p. (mimeog.)
- MORO, D.A. Quem ensina geografia no norte do Paraná. In: **Memória do I Encontro regional de professores de geografia do Estado do Paraná - Norte/Noroeste**. Maringá, 1984. Maringá, p. 16-21.
- PETRONE, P. O ensino da geografia nos últimos 50 anos. In: **Encontro de Professores de Geografia de 1º, 2º e 3º graus**, São Paulo, 1990. São Paulo, p. 30-42.
- RUFINO, S.M.V.C. A construção do conceito de espaço e o ensino de geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, 17, p. 94-114, 1995.
- TITARELLI, A.H.V. Licenciatura e Bacharelado. In: **Simpósio “Teoria e ensino da geografia”**, Belo Horizonte, 1983. Belo Horizonte, p. 143-151.
- TOMITA, L.M.S.; VERCEZI, J.T.; SILVA, K.C.S.; DIAS, R.F.; SPECIAN, V. A utilização dos recursos audiovisuais no ensino da geografia. In: **Cadernos VI Semana de Geografia**. Maringá, 1996. Maringá, p. 13.
- VESENTINI, J.W. O ensino da geografia no século XXI. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, 17, p. 05-19, 1995.